



NOVA PONTE D'ARCOLE.

Em 1828 construiu-se sobre o grande braço do Sena, entre o caes da *Cité* e a praça de *Greve*, uma ponte sustida por cadêas. Era a primeira ponte suspensa que se ensaiava em Paris. Chamou-se a Ponte do *Hotel de Ville*. Em 1830, tirou-se-lhe este nome, e deu-se-lhé o de *Arcole*, não (como se suppõe geralmente, e talvez o supponham sempre) em memoria da celebre victoria ganha, no mez de Novembro de 1796, pelo exercito francez junto d'*Arcole*; mas para perpetuar a lembrança d'um dos episodios mais admiraveis da revolução de 1830.

A 28 de Julho, o povo cercava a casa da camara; os suissos, postados nas janellas, dirigiam descargas formidaveis contra a ponte suspensa, que ao mesmo tempo era varrida pela artilheria, carregada de metralha, assestada na praça: um grupo de cidadãos armados, vindo da *Cité* com direcção á praça de *Greve*, hesitava em atravessar este chuvaire de balas que assoviavam sobre a ponte. De repente um mancebo desconhecido agarra uma bandeira tricolor, arremessa-se á frente da turba, guia-a até ao meio da ponte, desenrola e agita a bandeira, gritando: *Avante! Se eu morrer, chamo-me d'Arcole!* Apenas pronunciadas estas palavras, caiu mortalmente ferido por uma bala.

Nadâ mais se soube a seu respeito: ignora-se

mesmo se elle com effeito se chamava *d'Arcole* ou se unicamente quiz alludir ao intrepido arrojado de Bonaparte sobre a ponte d'*Arcole*. No entanto julgou-se dever obedecer-se á sua ultima vontade: adoptou-se o glorioso nome que seus labios expirantes tinham pronunciado, e escreveram-se, sobre a arcada superior da ponte, estas palavras: 28 de Julho de 1830.

A ponte não podia servir senão para os passageiros a pé. Reconheceu-se em breve que o movimento da circulação, cada vez mais consideravel na linha paralella da praça *Notre-Dame* á do *Hotel de Ville*, tornava necessaria uma ponte mais solida, e que fosse accessivel a todos os transportes. Adoptou-se um projecto, apresentado por mr. Affonso Oudry, engenheiro de pontes e calçadas. Foi dado á execução, sob a direcção d'este engenheiro, auxiliado por mr. Cadiot, por conta da companhia de pontes de ferro.

Aberta ao transito no 1.º de Novembro de 1855, esta ponte, d'um só arco, tinhâ sido com antecedencia submettida ás mais solidas provas. Ella está, effectivamente, exposta, mais que nenhuma outra ponte da capital, a aguentar extraordinarios pesos, achando-se no caminho que tomam os cortejos, que, nas grandes solemnidades, vão á igreja metropolitana ou á casa da camara. Ha a idéa de se abrir, partindo da ex-

SETEMBRO, 5, 1857.

VOL. I. — 4.ª SERIE.

C. M. L.
GABINETE
DE ESTUDIOS
OLISIPONENSES

tremidade esquerda até a praça *Notre-Dame*, uma rua de dez metros de largura. A fachada da igreja formará assim o prolongamento do lado esquerdo da rua.

A largura da ponte é de vinte metros: os passeios dos lados, de asfalto, têm quatro metros cada um, e a calçada, de pedra, doze. O caminho é ligeiramente curvo, afim de egualar com ambos os caes, que são mais baixos que o centro do espaço comprehendido entre as bases do arco. Os quatro soccos collocados nos angulos serão dominados por estatuas monumentaes ou candelabros. O custo da construcção, metade do qual deve ser pago pela cidade de Paris, e a outra metade pelo estado, foi fixado em 1150000 francos, ou proximaente 207:000\$ réis.

INDUSTRIA MANUFACTURARIA.

CURTIMENTO DE PELLAS.

Mr. Knoderer (Carlos Christiano), fabricante em Strasburgo (Baixo Rheno) acaba de inventar um processo de curtimento economico e acelerado de pelles, para o qual tem obtido o competente privilegio de invenção, e que merece ser conhecido por todos os que fixam a sua attenção n'este ramo industrial.

O novo processo pode bem dividir-se em duas operações, ambas com o mesmo fim, qual é a acceleração do curtimento. Descreveremos completamente a primeira; e depois explicaremos a segunda, que por fim não é senão o complemento d'aquella.

O primeiro meio consiste em metter, sem distincção, toda a especie de pelles, depois que são trabalhadas da ribeira, em toneis de tres metros de diametro, sobre outro tanto comprimento, para os coiros grossos; e de dois metros de diametro sobre o mesmo comprimento, para os coiros pequenos, taes como bezerros, cabritos, capottas, e garupas. Enchem-se previamente estes toneis um pouco mais de metade com sumo de casca, que marque zero no pesa-cortim: ajunta-se a este sumo um quarto de kilogramma de casca, por cada pelle pequena; e um kilogramma, por cada pelle grande, de bois, vaccas, ou toiros: depois fecha-se hermeticamente o tonel, que se faz gyrrar com a celeridade de doze a quinze voltas por minuto, durante vinte e quatro horas: ajunta-se-lhe em seguida uma quantidade de casca egual á primeira, e continua-se da mesma forma durante tres ou quatro dias, no fim dos quaes as pelles estão tão adiantadas como se tivessem tido tres passagens.

Mal as pelles chegam a este estado, pode-se, segundo as circumstancias, mudal-as para outros toneis, onde se tenha lançado sumo marcando um ou dois graus, segundo a natureza dos coiros; e ajuntar-se-lhes a mesma quantidade de casca que receberam no começo, ou deixal-os nos

toneis em que se acharem, dobrando-lhe a quantidade de casca que se lhe tinha deitado primitivamente, e reduzindo o numero de horas de rotação, sobre tudo quando, em consequencia do movimento continuo, os sumos chegam de dezeseite a vinte graus de calor. Uma vez obtido este resultado, não se deixam gyrrar os toneis mais do que de duas a seis horas, segundo a estação.

O curtimento das pelles pequenas, ou adelgadas previamente pela raspagem, ou sejam bezerros, peitos de cavallo, garupas, ou vaccas, pode completar-se em quinze a quarenta dias sem nova mudança de toneis, continuando a ajuntar pequenas quantidades de casca a proporção que o cortim da já dada é absorvido pelas pelles.

Quanto ás pelles grandes, taes como vaccas, bois, e toiros, é preciso, logo que chegam pouco mais ou menos ao mesmo grau de adiantamento em que estariam se tivessem recebido pós no tanque, mudal-as para um tonel limpo, onde se tenha lançado sumo marcando dois ou tres graus no pesa-cortim; e quinze a trinta kilogrammas de casca por pelle, conforme a qualidade da casca, e a força ou especie das pelles, que, uma vez assim refrescadas, não devem mover-se mais do que de duas a oito horas sobre vinte e quatro, conforme a estação. O tonel que contém estas pelles não se deve abrir mais antes de quinze dias. No fim d'este tempo as pelles estão de tal modo adiantadas, que o seu curtimento não pode progredir mais n'este tonel, e é preciso mudal-as para outro.

Se são vaccas, bois, ou toiros pequenos, por exemplo, o curtimento estaria acabado no fim d'este tempo; mas se as pelles são de força acima da média, é preciso recommençar a mesma operação que acaba de ser descripta, e pode-se estar certo que ellas estarão perfeitamente curtidas no fim da segunda quinzena. Se pelo contrario são vaccas ou bois de primeira força ou bezerros grandes, é preciso dar-se-lhes uma terceira dose, e fazel-os ainda gyrrar durante quinze dias, para obter um curtimento perfeito. Quanto aos coiros grandes, que curtidos excedem cada um vinte e cinco kilogrammas, e aos toiros de primeira força para correias de machinas, dá-se-lhes trinta a quarenta kilogrammas de casca por pelle, em quatro vezes differentes, mas em lugar de os não deixar andar senão quinze dias, deixam-se no tonel tres semanas de cada vez, e não se fazem gyrrar senão de uma a seis horas, o mais, sobre vinte e quatro.

Quando um pellame por um tal systema chega a estar em plena actividade, as pelles saindo do trabalho da ribeira, nunca são mettidas em sumo fresco, e não recebem casca nova: mettem-se, pelo contrario em toneis, cujo sumo e casca não tem já quasi força nenhuma, que ellas absorvem no fim de vinte e quatro ou quarenta e oito horas fazendo-as gyrrar constantemente. Quando a absorpção se completa, vasa-se o tonel, no

qual depois se deita sumo e casca fresca, e pelles chegadas ao grau de adiantamento acima indicado. Quanto ás pelles de que se acaba de fallar, mettem-se n'um tonel que tenha sumo e casca um pouco mais forte que o em que ellas tinham estado precedentemente, onde se fazem ainda gyrar sempre, até que se observa que não adiantam mais. Então sómente se mudam para um tonel que tenha gyrado quinze dias, e no qual se não deixam gyrar mais que de seis a doze horas sobre vinte e quatro. Pode estar-se certo que operando-se assim as pelles grossas estão tão adiantadas no fim de dez ou quinze dias de demora n'este tonel, como se houvessem tido uma primeira dóse no tanque.

Conforme as explicações que se acabam de dar, é evidente, que além da celeridade do curtimento, uma das grandes vantagens d'este systema consiste, uma vez que a fabricação está em actividade, em supprimir as passagens, e os tanques, obtendo uma submersão mais perfeita sem mão d'obra, e chegando a levar as pelles ao mesmo grau de adiantamento que se tivessem já tido uma dóse, sem empregar um kilogramma de casca fresca, ou sumo, para chegar a cujo resultado, não ha senão uma coisa essencial a observar, que é operar gradualmente para não atacar mui fortemente as pelles que saem do trabalho da ribeira.

N'uma palavra é preciso seguir absolutamente os mesmos principios que para o curtimento ordinario, porque, o que é verdade para um é verdade para o outro, e as cinco grandes difficuldades a vencer, eram:

1.º Crear um material que exigisse a menor força motriz possível, ao mesmo tempo que pudesse supportar um peso enorme, e dispensasse o emprego da menor parcella de ferro no interior das machinas.

2.º Obter uma decomposição mui prompta, e entretanto gradual, da materia a curtir.

3.º Produzir um calor natural variavel á vontade, segundo as necessidades da fabrica, e a qualidade das pelles.

4.º Impedir o contacto do ar com a materia a curtir.

5.º Utilisar até ao ultimo vestigio do cortim a materia que se emprega no curtimento.

Todas estas vantagens se acham completamente realisadas pelo emprego de toneis, e do material accessorio, e complementar d'este novo processo.

Com effeito os grandes toneis podem conter um peso de nove a dez mil kilogrammas de pelles, de cascas, e de sumo, sem que n'elles haja a menor parcella de ferro no interior, não exigindo senão uma força motriz comparativamente mui pequena.

A decomposição da casca faz-se gradualmente, e entretanto com muita promptidão, porque por effeito da rotação, e do attricto que d'ella resulta inevitavelmente, a casca acaba por se reduzir a polme cujo principio cortim é neces-

sariamente absorvido muito mais facilmente que o liquido, que se acha em contacto forçado e continuo com todas estas moleculas.

Ao mesmo tempo que em consequencia da rotação a decomposição da casca se opera gradualmente, e entretanto com grande celeridade, o attricto produz um calor natural, de que se pode variar a intensidade, fazendo-se gyrar os toneis mais ou menos tempo, conforme as necessidades do fabrico, e é este calor que favorece tão poderosamente a combinação do cortim com a gelatina contida na parte cellular das pelles.

O contacto do ar com a casca e sumo, uma das principaes causas da lentidão do curtimento em tanques, assim como da grande quantidade de casca que necessita, porque occasiona a transformação de grande parte do acido cortim das cascas, ou d'outras materias cortins, em acido gallico; acha-se por força impedida no novo systema, porque estando os toneis quasi cheios não contem mais que uma mui pequena quantidade d'ar, que decompondo-se no fim de mui pouco tempo, e não podendo renovar-se não pode por consequencia ter nenhuma influencia apreciavel sobre o curtimento.

Emfim, chega-se a utilizar até á menor parte do cortim contido na casca, não só porque como se acaba de dizer, elle se acha reduzido a polme, mas principalmente porque a casca e o sumo contidos n'um tonel, perdida a sua primeira força, substituem-se as pelles que já absorveram d'ella tudo o que o seu estado de adiantamento lhes permittia absorver, por pelles menos adiantadas, e por consequencia mais avidas do principio cortim.

Ainda que Knoderer não seja partidario do emprego do sumo para o curtimento, as cubas d'extracção são entretanto necessarias, porque é preciso ter sempre sumo de todos os graus possíveis, ou para os toneis novos, ou para reforçar algumas vezes momentaneamente o contido em toneis, cuja mercadoria se não pode mudar em tempo opportuno, por effeito de circunstancias que sempre apparecem no fabrico.

Continua.

O MAREOMETRO DE SAINT-MALÓ.

A direcção hydraulica do porto de Brest mandou construir um poço mareometro nas aguas de S. Servan, em Solidor, junto a Saint-Maló, e na embocadura do Rance.

Este pequeno edificio estabeleceu-se para facilitar o estudo das mares, e pôr em pratica um instrumento inventado por mr. Chazallon, engenheiro hydrographo da marinha, e executado habilmente por mr. Wagner, mecanico de Paris.

De ha muito que a sciencia busca a lei que rege o movimento das mares, e até hoje não a descobriu. Mr. Chazallon, encarregado pelo governo de fazer ás observações mareometricas que tem por fim descobrir aquella lei, obteve do ministro da marinha autorisação para estabelecer

poços mareometricos em diversos portos da Mancha, em Brest, S. Servan, e Cherburgo, onde a maré se eleva a diferentes alturas á mesma hora (Brest, 8 metros; S. Servan, 14; Cherburgo, 10). Estes poços recebem a agua do mar por uma abertura praticada na base, e que permite entrar a agua subindo tão depressa como vae pelo exterior: o liquido fica tranquillo ao nivel, apesar da agitação que reina na parte de fóra.

Estes poços acabam n'um compartimento de observação, onde está um instrumento chamado mareometro, inventado por mr. Chazallon, e que se compõe de um cylindro horisontal coberto com uma folha de papel, cujo movimento se acha regulado por um fluctuador, que sobe e baixa com a maré; um carrinho com um lapis que está adaptado ao cylindro, regulado tambem por uma machina de relajo, traça no papel as curvas descriptas pela maré na enchente e vasante.

Reunindo todas estas curvas que dão as series da progressão, mr. Chazallon promette descobrir a lei que rege as marés no globo, enriquecendo a sciencia com uma descoberta, e a navegação com um conhecimento de grande utilidade.

O mareometro de S. Servan é uma torre octogona da largura de 5 metros na base, e 3 metros e 50 cent. no cume; o que lhe dá a forma um pouco pyramidal. Está edificada sobre um fundo de rocha. Da base ao cimo tem 18 capas de pedra, cada uma de 60 cent. de alto. Da cuspide pode dominar-se a mais alta maré. Um poço de 1 metro e 50 cent. de abertura, que está em communicação com o mar, atravessa a torre em toda a sua altura, e desemboca n'um compartimento onde está o pavilhão que a domina.

A construcção d'este mareometro honra tanto o engenheiro que concebeu o plano, mr. Dehargue, como o que dirigiu a obra, mr. Maduron. Está construido com pedra granito de Laber, tirada das pedreiras de Brest. Todos os materiaes estavam preparados de antemão, e foram transportados para o local. Uma ponte suspensa, de 19 metros de comprimento, estabelece a communicação entre a terra, e o edificio.

O fio empregado na construcção da ponte foi galvanizado, para neutralisar o effeito do ar salino que oxida o ferro. É a primeira ponte de fio galvanizado, que se fez em França.

ARBORICULTURA.

Já n'outra parte d'este jornal tratámos da propagação das arvores por meio da sementeira; hoje trataremos de outro methodo de as reproduzir. É por via de estacas; e este é mui proveitoso para as especies que não dão semente.

As estacas de certas arvores como os alamos, salgueiros, vinhas etc. deitam-se desde Novembro até Março; e a maior parte d'ellas rebentam só pela unica operação de as metter em boa terra, e conserval-as sempre humidas.

As das arvores resinosas, ou sempre verdes,

tem logar em Março, conservando-as a sombra, e mui recatadas.

Tem-se observado que os nós, os olhos, e os talões são os logares por onde ellas lançam as primeiras raizes; e d'ahi o cuidado que deve haver em cortar-as por estas partes. Deve preferir-se o talão, que é a parte inferior da borbulha onde está presa aos ramos maiores.

As estacas, cuja represa é certa, como do alamo, dos salgueiros, e dos platanos, logo se collocam nos viveiros: aquellas que estão fracas, ou são duvidosas, como as maceiras e marmeleiros, mettem-se em regos até ao outono.

Ha algumas especies, como a figueira, que se deitam em pequenos fossos, vestidas com os seus raminhos, e deixando unicamente de fóra da terra o maior raminho que as estacas levam.

O terreno destinado á estacaria deve ser lavado a miudo, e adubado com estrume bem putrido, regando-o amiudadamente se a estação o exigir.

Ha outro methodo de propagação, que é por via de *mergulhia*, que vem a ser enterrar um ramo sem o separar do seu tronco. Em muitos casos pode este methodo substituir o das sementeiras e estacas.

Executa-se a *mergulhia simples* abrindo um fosso em roda da arvore mãe, e enterrando n'elle as varas, que se seguram com ganchos de pau, e cobrindo-as depois com terra branda, e rica de estrume. As pontas d'estas varas que se enterram, levantam-se a conserval-as o mais verticalmente que fór possível. Este methodo é empregado n'aquellas plantas que mais facilmente se enraizam.

A *mergulhia por incisão* pratica-se como a precedente, fazendo-se além d'isto a incisão de uma a duas pollegadas no comprimento da vara que fica debaixo da terra, e logo abaixo de um olho ou d'uma junta.

A *mergulhia de rebentos*, que está em mais uso pelo seu bom exito, consiste em plantar no melhor terreno do viveiro certo numero de arvores conhecidas por lançarem mais facilmente raizes. Cortam-se rente da terra, e em saindo os rebentos, ou renovos, apenas elles tem dois palmos de comprimento, lança-se-lhes ao redor um pouco de esterco bem consumido e terra, seguindo-se d'aqui logo as raizes penetrarem por essa terra. No inverno seguinte separam-se da arvore mãe, aplanando a terra que se lhe poz de roda. Esta operação renova-se todos os annos, e obtem-se assim um viveiro sempre fornecido de plantas novas, sadias, e vigorosas.

A *mergulhia de pimpolho* differe da antecedente em se buscarem as borbulhas na propria raiz, fazendo-se uma cova de algumas pollegadas de profundidade, e cortando as raizes que n'ella se encontram, recobrando logo o tronco.

Assim como o ar comprimido não dá logar a introdução de corpos solidos, tambem a vaidade não deixa penetrar a sciencia.



PESCADORES NORUEGUEZES.

A pesca é um dos recursos essenciaes de grande parte dos habitantes da Noruega, e, em muitas provincias, uma das suas condições d'existencia; porque este grande e importante paiz estende-se até aos ultimos confins do norte. Des-enrola-se em uma especie de semi-circulo, desde o 58 até ao 71 grau de latitude. Se, nos seus districtos meridionaes, o lavrador chega ainda a colher cereaes e legumes, mais longe, como o filho dos Alpes de que falla o poeta Goldsmith, apenas tira com difficuldade mirradas espigas d'um terreno ingrato. Mais longe, este rude trabalho é completamente inutil. Mais longe, não ha florestas, nem vegetação. A terra, nua e arida, está, durante seis mezes no anno, sepultada debaixo de montões de neve, e nas trevas de longas noites; e, no verão, cobre-se de muç fraca relva.

Entretanto, mesmo n'estas frias regiões, e até nas ilhas norueguas disseminadas ao longo das costas do oceano Glacial, ha domicilios de familia, habitações humanas, porque Deus deu ao homem o privilegio de poder acimatar-se em todas as regiões e supportar todas as temperaturas. A cada povoação estabelecida no solo mais arido, reserva elle um alimento: as tribus dos desertos arenosos, os fructos do oasis,

os cachos nutritivos das tamareiras; aos insulares dos mares do sul, a arvore do pão; aos groenlandezes, a phoca; aos laponios, a renna; aos aldeãos do Norte, a pesca que se faz em certas epocas, no mar alto, e se prosegue constantemente nos rios, lagos e ribeiras.

A pesca nas ilhas Lofodden, situadas ao 68 grau de latitude, a umas vinte leguas de distancia da costa norueguesa, é nomeada em toda a Europa. Que de coragem é precisa! Esta pesca tem logar duas vezes por anno; no estio e no inverno: esta ultima é a principal. No mez de Janeiro ou Fevereiro, milhares de pescadores se reúnem em torno d'este sinistro e temivel archipelago, e demoram-se ahi ordinariamente até ao mez de Abril.

Ao ver estas cabanas de madeira que apenas os abrigam contra o frio, este terreno nu em que elles descansam com os vestidos humidos, experimenta-se um profundo sentimento de piedade. Não obstante, é ahi, diz um viajante, que elles moram tres mezes, no meio do inverno, longe de suas familias, pobremente vestidos e pobremente nutridos, deitados de noite no lodo, e indo de dia, por espessos nevociros, com ventos borrascosos, tirar as redes da agua gelada.

A immundicie inevitavel, a humidade dos ves-

tidos, o mau alimento, originam entre elles graves enfermidades de que quasi nunca se curam: a sarna, a lepra, a elephancia, e principalmente o escrobuto.

Mas nem todas as pescas da Noruega se assimilham a esta. É que, pelo logar em que se fazem, pelo sol que as alumia, pela alegria que as anima, recordam algumas das mais festivas scenas da Suissa, e ás vezes mesmo das regiões meridionaes da Europa. Tal é a pesca nos rios interiores e nos pittorescos lagos da Noruega, nomeadamente no lago Miæssen, representada no nosso desenho.

DOIS CONTRABANDOS.

II

EXPORTAÇÃO.

No tempo em que se passava esta nossa verídica historia era o sr. Bittencourt um fura-vidas, tinha muito geito para o commercio, fazia negocios de ouro. Hoje está retirado do trafico: é *homem serio*... até dizem que tem commenda. O habito da Conceição lhe vi eu ha muito tempo: e ficava-lhe bem.

O pobre Joaquim perdeu o braço, que lhe foi amputado, em consequencia do ferimento em Camara de lobos; como tinha confessado a verdade, perdeu o seu bom protector; e depois de alguns annos passados na cadeia, em expiação do crime que commettera, anda hoje pedindo esmola. O Mauricio quando se pôde ver livre dos ferros d'el-rei, voltou á labutação do mar. Estes dois já não figuram mais na nossa historia.

Mas apparecerá gente nova.

Oito dias depois dos successos relatados no anterior capitulo, e que deram uma animação pouco vulgar á pacifica Camara de lobos, passeava, depois da meia noite, o sr. Bittencourt no caes de Porto-Moniz, quando, do lado do forte arruinado, veiu correndo um homem, participar-lhe que estava á vista o brigue *Rapido*, e não mui distante.

— Muito bem, disse o sr. Bittencourt, mergulhando as mãos nos bolsos; vae ver se a fazenda está prompta para embarcar; quero tudo a postos, para obedecer ao primeiro signal.

— Esteja descansado, patrão...

— Olha, Antonio; a fazenda que não saia toda junta dos armazens; que venha por partidas.

— Sim senhor.

E Antonio, ligeiro como rapaz que era, e sem o tropeço de botas ou sapatos, disparou como uma setta para as alturas da villa.

D'ahi a poucos minutos estava o *Rapido* aberta com o abrigado fundeadoiro de Porto-Moniz, que conserva placidas e claras as suas aguas, quando o vendaval medonho do sul, arremessando-se em negras e revoltas vagas contra as praias

do Funchal, afasta d'aquelle ancoradoiro todo o genero de embarcações.

O sr. Bittencourt chegou á ponta do caes, acendeu uma lanterna que para ali tinha mandado vir, e agitou-a tres vezes.

O *Rapido* içou e arriou *rapidamente* um pharol. O sr. Bittencourt apagou em seguida o seu.

D'ahi a pouco um bote, com a sabida precaução de remos e toleteiras forradas, largou do patacho e veiu atracar ao caes.

Dois moços davam impulso á embarcação; a ré vinha um homem governando.

— Olá, capitão, por cá? disse o sr. Bittencourt dando a mão ao recém-chegado, nas escadinhas do caes.

— Tudo ficou prompto abordo, amigo; vim adiante para conversarmos; queria saber se se arranjou aquella coisa...

— Maganão! interrompeu o velhote, fingindo rir com muito gosto. Maganão!... Arranjou-se, e papa muito fina!

— Obrigado. Bem sabe que eu estou tambem prompto para tudo.

— D'estes serviços ainda nunca me fez.

— É verdade. Mas posso agora trazer-lhe da Bahia uma mulatinha engraçada, ou uma moleca novinha.

— Nada, nada. Vamo-nos contentando com as brancas. Esta que leva no carregamento é bonita e tem quinze annos; vae acompanhada por um irmão, é verdade, meio bruto e desconfiado; mas isso mette-se no porão, sob qualquer pretexto, com bons machos de ferro aos pés para maior segurança, e... Ah! maganão! maganão!

Estes dois *homens de bem*, um negociante, outro official do mar, folgavam muito com esta innocente conversação, por horas mortas da noite, á luz tremula das estrellas, na beira do Oceano, aspirando a fagueira brisa do mar.

A evangelica palestra foi interrompida pela aproximação de varios escaleres do *Rapido*, que se dirigiam pouco ruidosamente para o porto.

Poucos minutos depois chegou o primeiro lote da cargação; compunha-se de umas vinte mulheres e outros tantos homens, quasi todos mal vestidos, e todos na flor da idade.

— Aqui estão, disse o sr. Bittencourt ao capitão, apresentando-lhe o par que vinha na frente, os dois irmãos que eu mais particularmente lhe recommendo: a menina Rosinha, e o sr. Pedro Corrêa.

— Muito bem; serão tratados como principes. Podem embarcar no meu bote, que eu mesmo os vou conduzir a bordo. Adeus, sr. Bittencourt, trate de fazer embarcar toda essa gente o mais depressa possível.

— Adeus, Rosinha.

— Adeus, sr. Bittencourt; muito obrigado: Deus lhe pague a esmola que me faz.

— Muito agradecido, accrescentou Pedro.

E os dois irmãos saltaram para o bote, onde já os esperava o capitão com olhos de sauro, e que não tardou a dar a voz de *larga*!

Rosa chorava dizendo adeus a patria, e nutria ainda a esperança de ir alcançar no Brazil uma subsistencia honesta... que faria-se soubesse o que a esperava — a deshonra, e a escravidão!

E Pedro tambem suspirava, lembrando-se do seu paiz, que talvez só bem tarde, ou nunca, tornaria a ver... Nunca; porque a miseria, os maus tratos, e a queda de sua irmã o arrastaram ao suicidio!

Os restantes colonos, que ficaram na praia, não tardaram a embarcar em dois dos escaleres do *Rapido*, seguindo a esteira do bote capitania.

— Antonio, disse o sr. Bittencourt ao moço descalço, vendo-o aproximar-se; porque não vaes tambem na embarcação? Olha que no Brazil ca-va-se oiro como aqui terra.

— Nada, patrão, eu não largo cá a Maria.

— Mas podem ir ambos, e serem muito felizes.

— Obrigado; as mulheres a bordo não pro-vam bem.

— Faz o que quizeres. E as barquetas estão promptas?

— Ahi vem já todas. Entretanto pode ir em-barcando este segundo pacote de fazenda nos outros botes do *Rapido*.

Outra tribu de emigrados que se acercava do caes n'este momento, foi passando em seguida para as embarcações, que não tardavam em fazer-se ao largo.

Successivamente foram chegando os volumes da carregação, e as barquetas que os iam con-duzir a bordo, até que, já sobre a madrugada, embarcou tambem alguma bagagem e comesti-veis, agua, celhas, esteiras, e machos de ferro.

O *Rapido* mareou o panno a feição do vento, e arredou-se da terra, deitando as suas seis mi-lhas por hora.

E o sr. Bittencourt esfregando as mãos, com ar de satisfeito, arredou-se da beira-mar pausa-damente, não sem lançar de vez em quando um terno olhar para o navio que acabava de despachar sem intervenção da alfandega.

Deixemos, por uma vez, este honesto cidadão, e sigamos o patacho em sua fatal viagem.

Calmas, ventos contrarios, e avarias na mas-treação, retardaram a viagem do *Rapido*, e por consequencia a escassez de agua e de mantimen-tos appareceu a bordo com todos os seus horro-res. Os colonos amotinaram-se; e Pedro que des-confiava das relações de sua irmã com o capi-tão, collocou-se á frente dos revoltosos, dando as-sim mais que sufficiente pretexto para ser clau-surado no porão, aonde o seguiram manietados alguns outros dos principaes amotinados.

O patacho levou sessenta dias a Pernambuco, aonde chegaram transformados em esqueletos to-dos os colonos, que dois mezes antes pareciam vender saude!

Os chefes da sublevação foram mettidos na cadêa, apesar de todas as reclamações que se fizeram n'aquella cidade a seu favor; e os seus companheiros, incluindo Rosinha, foram succes-

sivamente *alugados*, e passaram a servir differ-entes senhores.

O capitão voltava a Lisboa, e como era casa-do n'esta côrte com uma mulher de mau genio, de quem elle tinha medo, não se resolveu a tra-zer consigo Rosinha, de quem muito gostava, e verdade. Portanto *alugou-a*, como os outros, pa-rra obter o dinheiro da passagem.

.....
Talvez o leitor esperasse outra coisa d'estes apontamentos; julgou, porventura, encontrar n'estas paginas um romance cheio de peripe-cias... sinto de coração se o enganai, involun-tariamente. Mas, na realidade, só tivemos em vista esboçar algumas scenas de contrabando, em *coisas e pessoas*, e isso fizemos. Perdão, se não foi a contento d'aquelles a quem desejava-mos agradar.

Agosto 1, de 1857.

F. M. BORDALO.

DANÇO-MANIA.

O *Nouveau Tableau de Paris*, publicado por *Mercier*, no fim da revolução franceza, explica-se nos seguintes termos sobre o objecto da nossa epigraphe:

«Depois do dinheiro, a dança é hoje o que o parisiense mais ama, adora, ou para melhor di-zer idolatra. Cada classe tem a sua sociedade dançante, e desde o pequeno até ao grande, isto é, desde o rico até ao pobre, tudo dança; e um furor, um gosto universal. Os parisienses dan-çam, ou para melhor dizer, redemoinham; por-que nada é mais difficil para elles que obedecer ao compasso, e nada mais raro entre elles que um ouvido musical.

«No reinado do terror, os parisienses reser-vados, e tremendo, e não ousando então fazer um jornal, nem *suspendere uma carreta*, sumiam-se nos espectaculos ou nos clubs, e não dança-vam senão nas festas publicas, e algumas vezes á roda dos cadafalsos: de repente todas as pa-redes foram cobertas de numerosos cartazes, em estylo quasi academico, annunciando bailes de toda a especie, e alguns tão baratos, que uma creada pode ir a elles.

«Dança-se *aux Carmes* onde se degolava, dan-ça-se no *Noviciat des Jesuites*, dança-se no con-vento *des Carmelites de Marais*, dança-se nas tres egrejas arruinadas da minha secção, e so-bre as lages dos tumulos que ainda se não tem tirado: os nomes dos mortos estão debaixo dos pés dos dançadores, que os não percebem, e que se esquecem que pisam sepulchros.

«Dança-se em cada taberninha dos Boulevards, nos Campos Elisios, ás bordas do rio. Dança-se em todas as tabernas em que se refugia a corja dos traficantes que depois de ter enganado todo o dia os desgraçados particulares, dá ainda um *cheque e mate* á fortuna publica. Emfim, dan-ça-se em casa de todos os professores de riga-

dous que se chamam artistas, como os bobos ou chocarreiros.

«Antigamente, nos bailes as mulheres tomavam refrescos, e quando muito, alguns biscoitos com um pouco de vinho. Hoje a gulodice as domina, e eu não cesso de admirar a sua firme incontinencia á mesa, e o ar sem cerimonia com que satisfazem o seu devorante appetite. As perdizes frias são dois bocados; as viandas desaparecem, e grandes copos d'agua refrescam de quando em quando seu paladar escandecido pelo fogo dos licores.

«Ha bailes para todas as condições: os aguardeiros e os carvoeiros tem os seus. Eu nada quero omitir. Nas adegas, no fundo mesmo de alguns passêios, em tascas immundas, ao som de grosseira rebeca, ou de uma rouquenha gaita de folles, todos os domingos, e mesmo nos intervallos, os beberões dançam a abalar o sobrado, e a fazer receiar reparações locativas. O logar da dança é illuminado por um lustre feito de dois pedaços de pau em cruz, ou por alguns lampeões de barro postos por terra ao longo das paredes. No meio de uma nuvem de fumo de tabaco, e cheiro de aguardente, vêdes elevar-se e cair sem cadencia, sem compasso, dançadores inconceptiveis. Algumas vezes o sapato ferrado no meio dos saltos quebra o lampeão, que salpica toda a assembléa; não fazem caso d'isso. Não se distinguirá das meias, sapatos e anagoa; o cebo inflammado não faz impressão no coiro curtido d'estes *Vestrizes*; elles pegam das suas bandêirolas, e vão-se jogando os murros por divertimento.»

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

XCI

De como foi Manuel da Silva degolado, e Manuel Serradas, e Amador Vieira.

Mandou o marquez fazer um cadafalso na praça da cidade, e ao terceiro dia foi tirado Manuel da Silva da galeota em terra, e lhe levaram um cavallo, e sobre elle veio té á praça, vestido de baeta, e parecia que trazia um capuz. E estava muita gente, em tanto que não podiam romper por ella: e posto o pobre e desgraciado Manuel da Silva em o cadafalso teve-se delle lastima, sendo elle causador de se pôr naquelle estado, havendo poucos dias que o tinham visto em outro bem diferente. Primeiramente pediu perdão a todo o povo, e moradores da ilha, que elle tinha toda a culpa dos trabalhos da ilha, e que bem merecia aquella morte, e tratou outras cousas bem d'espago, que se podem escensar escre-

ver. O verdugo era um tudesco, e tão ligeiramente lhe cortou a cabeça, estando Manuel da Silva de joelhos, que de um talho a levou fóra com uma sua espada; e já estava um homem tirando a cabeça de Melchior Affonso, e tirada se foi pôr logo a de Manuel da Silva, por se cumprir o que elle tinha ditto; e ahi esteve a cabeça aquelle dia, e se tirou ao outro. E logo foram tirar Amador Vieira da cadeia, e sobre o cavallo o trouxeram com padres, confessores, que o vinham consolando e animando. Amador Vieira pediu os mesmos perdões ás pessoas a quem fizera mal; dice que merecia aquella morte, pois se rebellara contra sua magestade; e o verdugo do mesmo modo lhe cortou a cabeça de um talho, como a Manuel da Silva. E logo veio Manuel Serradas sobre o mesmo cavallo: este dice que elle morria por el-rei D. Antonio, e que não conhecia outro rei, e que por elle o matavam. Não se quiz tirar desta opinião. Houve notavel escandalo entre os castelhanos, e assim foi degolado, e cortada a cabeça sem se desdizer do sobredito. E mandou degolar outros muitos.

XCII

Das pessoas que enforcaram no mesmo dia.

Mandou o marquez fazer uma forca ao longo da cadeia, quadrada, com quatro paus, e depois de cortarem as cabeças aos sobreditos enforcaram Fernão de Tavora, capitão e homem fidalgo por geração, e dizem que em livros d'el-rei, e tinha servido os reis passados de Portugal em suas armadas de capitão, e cidadão nobre desta cidade de Angra; e juntamente Thomaz Pereira, homem fidalgo de geração, e capitão de uma companhia; Pedro Coça de Malha, capitão de outra companhia, e cidadão da ditta cidade; e o licenciado Domingos Onzel, fidalgo por geração, e um dos desembargadores que havia, e cidadão da mesma cidade; e Domingos de Toledo, capitão de uma fortaleza, e homem muito nobre por geração; e Gónçalo Pitta, capitão da fortaleza de San Sebastião desta cidade; e com elles enforcaram Gaspar Alves, o Chicharro, piloto; e o Barroso, sapateiro; e um homem baço por nome Balthasar Lopes, que era parteiro do concelho. Foi uma molestia que muito se sentiu na cidade, estes dez homens: enforcaram todos junctos: não deixou de se dar aviso que eram fidalgos, que os degolassem como fidalgos: não tiveram de ver com isso, e estiveram aquelle dia té ao outro pela manhã que os foram enterrar: e o Domingos Toledo era capitão da fortaleza da villa de San Sebastião, e nella se defendeu té o ferirem em uma mão e na cabeça, e o derrubaram, e ferido o enforcaram com os mais.

Continua: —

O silencio cobre com o mesmo mysterioso veu o ignorante cauto, e o sabio modesto.